

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Educação: minorias, práticas e inclusão

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão / Organizadores  
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-040-4  
DOI 10.22533/at.ed.404211405

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de  
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).  
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA- SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Márcia Moreira de Araújo

Leandro Garcia Pinho

**DOI 10.22533/at.ed.4042114051**

### **CAPÍTULO 2..... 19**

INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE AS AÇÕES DO COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Ana Cristina Silva Daxenberger

Maria Sônia Lopes da Silva

Nielson Firmino de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.4042114052**

### **CAPÍTULO 3..... 33**

IMAGENS E SINAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO COLABORATIVO PARA SE COMPREENDER A OBRA *OS SERTÕES* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Márcio Araújo de Almeida

Matheus Anacleto da Silva

Paulo Augusto Tamanini

**DOI 10.22533/at.ed.4042114053**

### **CAPÍTULO 4..... 50**

JOGOS DIDÁTICOS: *HOJE É ... DIA DE BRINCAR !!!*

Leonice Elci Rehfeld Nuglisch

Lucia Oliveira de Andrade

**DOI 10.22533/at.ed.4042114054**

### **CAPÍTULO 5..... 57**

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO *FITNESS*: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Robenilson Nascimento dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.4042114055**

### **CAPÍTULO 6..... 73**

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elida Carolina Almeida Roque

Felippe Wanderley da Costa

Fernanda Gonçalves da Silva

Lohane Miranda da Silva

Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.4042114056**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>82</b>
O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DE ATIVIDADES DESAFIADORAS EM UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	
João Marcos Cristiano Tomaz Edêlma Targino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4042114057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA	
Maria Paula Rodrigues de Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4042114058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DO SOROBAN: UM RECURSO CONCRETO QUE PODE SER UTILIZADO POR TODOS	
Raffaela de Menezes Lupetina Margareth Oliveira Olegário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4042114059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>117</b>
O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO	
Sabrina dos Santos Silva de Almeida Rágina Candido da Silva Costalonga Isabel Cristina Polonine Leonardo Barreto da Costa Cristiano de Assis Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.40421140510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
OS DIREITOS DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Luciene Cristina de Assis Elivania Cristina de Assis Ananias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.40421140511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
O USO DE TDIC NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Suellen Teixeira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.40421140512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>149</b>
OS PROBLEMAS RELACIONADOS A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Leylyane da Conceição Gomes Ferreira Katia de Souza Merence Vanda das Neves Gomes	

Rayane Batista de Moraes  
Graciema da Cruz Silva  
**DOI 10.22533/at.ed.40421140513**

**CAPÍTULO 14..... 161**

**PAIS SURDOS – ESCOLA OUVINTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL**

Giseli de Oliveira Fonseca  
Edmar Reis Thiengo

**DOI 10.22533/at.ed.40421140514**

**CAPÍTULO 15..... 181**

**POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO**

Glauber Resende Domingues

**DOI 10.22533/at.ed.40421140515**

**CAPÍTULO 16..... 192**

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA: ESTUDO DE CASO**

Marciana dos Santos Silva Ventura  
Katia Gonçalves Castor

**DOI 10.22533/at.ed.40421140516**

**CAPÍTULO 17..... 204**

**RETRATOS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS**

João Paulo Apolari  
Ana Paula Ferreira de Melo Morgado  
Thaís Casemiro Flores  
Marta de Fátima Silva Forsan  
Ivanete de Oliveira Dorta

**DOI 10.22533/at.ed.40421140517**

**CAPÍTULO 18..... 213**

**O SERVIÇO SOCIAL DESENVOLVIDO NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)**

Alexsandra do Socorro Farias Fernandes  
Kleber Vinicius G. Feio  
Dayane Cereja Ferreira da Silva  
Ivana Lia Rodrigues de Carvalho  
Raimunda da Silva Santana  
Marlene Ribeiro Reis  
Mariana do Ó Teixeira Santos  
Beatriz Ribeiro Reis

**DOI 10.22533/at.ed.40421140518**

**CAPÍTULO 19..... 226**

**REFLEXÕES ACERCA DA MOBILIDADE URBANA: DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE**

Andreia da Silva Neto

Sheila Venancia da Silva Vieira  
DOI 10.22533/at.ed.40421140519

**CAPÍTULO 20.....234**

SOCIEDADE E DIREITO: MANUTENÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA MULHER

Júlio César Pinheiro do Nascimento  
Samuel Henrique

DOI 10.22533/at.ed.40421140520

**CAPÍTULO 21.....242**

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Aparecida de Fátima Pereira Balbina  
Márcia Maria de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.40421140521

**CAPÍTULO 22.....253**

UMA COMPREENSÃO ACERCA DO PAPEL DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS À COMUNIDADE SURDA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-REFLEXIVAS

Luan Tarlau Balieiro

DOI 10.22533/at.ed.40421140522

**CAPÍTULO 23.....260**

VIOLÊNCIA A PESSOAS NA ESCOLA

Maria Vera Lúcia da Rocha Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.40421140523

**CAPÍTULO 24.....273**

VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: OFICINA DE ABAYOMIS

Pâmela Camile Silva Benevenuto Rodrigues  
Milena Moreira de Oliveira  
Aparecida Fátima Camila Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140524

**CAPÍTULO 25.....279**

STARTUP EDUKANET: UMA PROPOSTA DE SISTEMA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA SURDOS

Nathalia da Silva Castro  
Giseli de Oliveira Fonseca  
Anilton Salles Garcia

DOI 10.22533/at.ed.40421140525

**CAPÍTULO 26.....290**

CURRÍCULO E CULTURA SURDA: A EDUCAÇÃO BICULTURAL EM QUESTÃO

Cauê Jucá Ferreira Marques  
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.40421140526

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>297</b>
<b>EDUCAR NO CÁRCERE: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO EM PRISÕES</b>	
Luana Soares Pereira	
Marilde Chaves dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.40421140527</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>308</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>309</b>

# CAPÍTULO 5

## O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO FITNESS: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Data de aceite: 03/05/2021

### Robenilson Nascimento dos Santos

Professor da Educação Básica do Estado da Bahia  
Salvador/Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/9822935235899075>

**RESUMO:** Este artigo tematiza a presença de alunos com deficiência visual em espaço fitness. A visada reflexiva intenciona a relação entre professores e alunos. À luz do método fenomenológico, realiza-se uma descrição compreensiva e interpretativa, tendo como fundamento o princípio da *epoché* ou suspensão redutiva, de maneira a contactar com o objeto tal qual ele se mostra, abstendo-se de arcações teórico-explicativos. O estudo enfoca dois espaços fitness localizados na cidade de Salvador. São destacados três aspectos que julgamos pertinentes para o visar intentado, quais sejam: a intervenção pedagógica dos professores, a percepção dos alunos com deficiência visual e o olhar dos demais estudantes de ambas as academias. O desfecho reflexivo, seguindo a trilha tessitural da abordagem, indica para o protagonismo assumido pelas pessoas com deficiência visual ao se lançarem como presença autêntica, possibilitando um perspectivar diferente sobre a condição existencial de não ver, refletindo na atitude de professores, funcionários, gestores e alunos videntes dos espaços fitness, lócus da investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoa com deficiência

visual. Fenomenologia. Presença. Espaço fitness.

### THE PRESENCE OF STUDENTS WITH VISUAL DEFICIENCY AT FITNESS SPACE

**ABSTRACT:** The theme of this article is the presence of students with visual deficiency at fitness space. It is an intentional reflex review about the relationship between teachers and students. Following the phenomenological method, a comprehensive and interpretative description is accomplished based on the principle of *epoché* or reductive suspence, in order to contact the object in the way they present themselves, avoiding theoretical explanations. The central point of the article is two fitness spaces placed at the city of Salvador. Three aspects considered pertinent are brought out to the comprehensive-interpretative vision, such as: the teachers' pedagogical intervention, the perception of students with visual deficiency and the look of the other students of both academies. The reflexive outcome, following the tessitural trail of the approach, points out that the role played by visually impaired people in launching themselves as an authentic protagonism causing a different perspective on the living condition of not seeing, influencing the perception and attitude of teachers, clerks, managers and students that can see in fitness spaces of investigation.

**KEYWORDS:** People with visual deficiency; Fenomenology; Presence and Fitness Space.

### INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas

(ONU), ao proclamar 1981 o ano internacional das pessoas com deficiência, ratifica princípios expressos em documentos anteriores, demonstrando estar atenta às lutas e reivindicações de há muito observadas, protagonizadas por cegos, surdos, dentre outros representantes desse segmento, como: pais, amigos, organizações não-governamentais e simpatizantes desta causa. A iniciativa contribuiu ainda para fortalecer os movimentos constituídos e geridos pelas próprias pessoas com deficiência com reflexos significativos nas ulteriores discussões sobre o assunto. Não se constitui propósito desta abordagem aprofundar a análise neste campo, evidenciado após o referido ato da ONU, entretanto com vista a uma contextualização deste trabalho, faz-se necessário, ainda que de modo *en passant*, dizer mais alguma coisa.

Com a proclamação do Ano Internacional da pessoa com deficiência pela ONU, essa discussão foi dimensionada em âmbito mundial. Nas duas últimas décadas do século XX, os debates intensificaram-se, propelidos por duas vertentes: a acadêmica, compreendendo pesquisas científicas (artigos, dissertações e teses) e a militância ativista, engendrada pelos movimentos sociais, organizações não governamentais e governamentais, que redundaram na produção de inúmeros documentos e considerável ampliação da legislação.

No campo acadêmico, os estudos questionaram categorias conceituais e a ideia de se pensar o indivíduo com deficiência, bem como o modelo de sociedade, as relações e os espaços públicos. O princípio norteador do discurso é a necessidade das devidas adequações, visando a igualdade de condições e a equiparação de oportunidades. Neste sentido, a proposta de integração não mais satisfazia a perspectiva de inserção social que se vislumbrava. Segundo Sasaki (1997, p. 34), conforme o paradigma integracionista, o acesso das pessoas com deficiência aos sistemas sociais como, por exemplo, educação e mercado de trabalho, considera apenas o mérito cuja responsabilidade é dos indivíduos, cabendo-lhes o preparo necessário para usufruírem dos bens e serviços socialmente disponíveis.

Ao se constituir como pauta reivindicatória dos movimentos sociais, a proposta de educação inclusiva critica o modelo médico integracionista e enfatiza a compreensão de que não é de exclusiva responsabilidade do indivíduo, a partir dos seus próprios esforços, adequar-se aos diversos ambientes do convívio social. Para essa perspectiva, é imperativo a reestruturação dos espaços públicos e privados, de modo a acolher a diversidade, incluindo aí as pessoas com deficiência, de maneira a terem as suas necessidades específicas contempladas, devendo, para tanto, serem realizadas mudanças em escolas, mercado de trabalho, ambientes culturais etc. (SASSAKI, 1997).

São notórios os avanços da proposta de uma sociedade inclusiva, fruto da associação entre o discurso acadêmico e a militância ativista, cujos reflexos se fizeram sentir em diversos países, influenciando políticas de Estado e de governo. As declarações de Jomtien (UNESCO, 1990) e Salamanca (UNESCO, 1994) são documentos que durante alguns anos orientaram essa discussão. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 e a Lei

9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional são os pilares concernentes ao direito à educação das pessoas com deficiência, complementados por inúmeros instrumentos legislativos e normativos, produzidos ao longo das últimas três décadas, com destaque para a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 e a Lei 13.146 de 2015 (Lei Brasileira de Inclusão).

Observa-se nos discursos apresentados nas abordagens decorrentes de pesquisas científicas, bem como nas reivindicações por parte das instituições representativas, uma perspectiva de análise que busca compreender a realidade, evidenciando-se em alguns casos proposta de intervenção. A despeito das condições adversas, que ainda dificultam a escolarização de crianças, jovens e adultos com algum tipo de deficiência demonstrada por diversos estudos realizados na área, não se pode deixar de considerar as experiências exitosas que se efetivam cotidianamente em vários espaços escolares, conforme observam Alves e Barbosa (2006):

Esta opção, ao contrário do qual possa parecer, não se coloca na direção do simplismo de desconsiderar os fatores, de ordem diversa, que muitas vezes, obstaculizam o trabalho dos gestores e professores no cotidiano escolar, apenas pensamos que sobre eles se tem dito e escrito exaustivamente! Porém, muito pouco se tem dito e escrito sobre as experiências educacionais inclusivas que estão acontecendo nas escolas brasileiras. Pouco se tem falado sobre a viabilidade do cumprimento do disposto constitucional que garante o direito de todos à educação (ALVES e BARBOSA, 2006, p.18).

É importante e necessário que as experiências bem sucedidas, relacionadas às pessoas com deficiência, vivenciadas em instituições públicas, particulares e filantrópicas, sejam visibilizadas, principalmente as evidenciadas no campo da educação, sobretudo aquelas cujo entendimento seja fundamentado na ideia desses sujeitos como indivíduos livres para definirem suas escolhas, conduzirem suas trajetórias com conhecimento de seus direitos e deveres, exercendo-se plenamente como cidadãos autônomos.

O empoderamento das pessoas com deficiência é, decerto, um dos principais méritos da proposta de uma sociedade inclusiva, um espectro discursivo que motiva esses indivíduos a lançarem-se em busca dos seus propósitos. Assim, a partir da afirmação como presença, promove reflexões na sociedade sobre um modo diferente de ser e estar no mundo. De maneira resoluta, projetam-se vivenciando contextos sociais diversos, como, por exemplo, procurar emprego, ir a bares e restaurantes, frequentar teatro e cinema e praticar atividade física em espaço fitness, foco deste trabalho.

É crescente o interesse pela realização de atividade física, seja por razões estéticas, seja por questões relacionadas à saúde decorrentes de recomendação médica; interesse impulsionado pelo entendimento da necessidade de uma prática regular de exercícios com acompanhamento de um profissional. Daí, a importância do Professor de Educação Física, como agente educativo, por meio de uma intervenção pedagógica sistemática, para que os alunos possam usufruir de um atendimento com qualidade. Os professores que colaboraram

com este estudo compartilham do entendimento que as academias de atividades físicas caracterizam-se fundamentalmente pelo trabalho educacional, ressaltando as orientações transmitidas aos alunos, a exemplo de correções posturais; posição adequada na utilização de aparelhos; indicação dos exercícios necessários, considerando os objetivos de cada aluno; atenção direcionada a grupos específicos, como idosos, adolescentes e pessoas com alguma comorbidade, procedimentos que pressupõem planejamento. Diante da realidade do trabalho com alunos com deficiência visual, expressaram ainda a necessidade de se reinventarem como educadores em espaço fitness.

Este estudo tematiza a experiência vivida no contexto da relação pedagógica entre professores e alunos com deficiência visual em academias de atividade física (espaço fitness). O visar interrogante do fazer pesquisa está centrado na seguinte questão: como ocorre a interação professor-aluno com deficiência visual na experiência vivida em dois espaços fitness localizados na cidade de Salvador? O objetivo é compreender a partir da vivência desses sujeitos como se efetiva a experiência pedagógica.

O interesse investigativo emergiu da vivência situacional do pesquisador, observando *in loco* e por meio de diálogos, interagindo com as experiências vivenciadas. Imersão impulsionadora de um defluir intuente acerca de uma atitude pedagógica genuína e inovante reveladora de um potencial criador na relação dialógica educador/educando com deficiência visual.

O texto está estruturado em quatro tópicos. Inicialmente, é abordado o perspectivar metodológico, fundado na Fenomenologia e em elementos de pesquisa qualitativa; descreve-se a interação com os sujeitos para a obtenção dos dados. A interlocução com os colaboradores ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas. Buscou-se o sentido dos dizeres em sua dialogicidade entropática, no intuito de adentrar no âmago do fenômeno expresso na questão de partida. Prossegue-se com uma breve síntese descritiva dos espaços fitness. A tematização do objeto investigado, contactando com as experiências vividas pelos sujeitos, isto é, o significado, o sentido que os mesmos atribuem às vivências constituem o terceiro momento do trabalho. São enfocados três aspectos que julgamos pertinentes para o visar compreensivo-interpretativo intentado, quais sejam: a intervenção pedagógica dos professores, a percepção dos alunos deficientes visuais e o olhar dos demais estudantes de ambas academias. Não se destaca a importância da atividade física referente à prática dos exercícios e seus benefícios. O que se intenciona é a atitude criativa e inovante de educadores para efetivação de um fazer pedagógico com vista ao pleno desenvolvimento de educandos com deficiência visual em espaço fitness. Nas considerações finais é apresentado o desfecho do percurso noético-noemático da pesquisa.

## **PERSPECTIVAR METODOLÓGICO**

O perspectivar metodológico funda-se em uma orientação fenomenológico-

qualitativa, abordagem que enfatiza a postura do investigador na adoção de uma atitude crítica sobre o fenômeno, que implica na compreensão dialógica entre o homem e o mundo, rompendo com a dicotomia sujeito/objeto. Trata-se de um fazer pesquisa que implica um olhar descritivo, compreensivo e interpretativo, distanciando-se do postulado positivista de neutralidade, cuja orientação privilegia a mensuração estatística da realidade. O rigor fenomenológico-qualitativo prima por um entendimento científico, com o propósito de contribuir para a ampliação do horizonte reflexivo e processos de mudança, tendo como objetivo central o comprometimento ético com o Ser do homem no mundo, que se manifesta no respeito à singularidade existencial de cada indivíduo. Neste modo de visar as coisas, a objetividade ancora-se na subjetividade, expressa pela imersão do investigador no ato de fazer pesquisa, contactando, de modo rigoroso, com as vivências experienciadas pelos sujeitos/colaboradores.

De acordo com Moreira (2002), o método fenomenológico é adequado quando a pesquisa é voltada para as experiências vividas. Nesses estudos, o foco direciona-se aos significados atribuídos pelos colaboradores em uma determinada situação na qual se encontram imersos; postura também assumida nas abordagens qualitativas, daí a pertinência da associação entre a Fenomenologia e as pesquisas de caráter qualitativo, que em nosso ponto de vista, esta última é, em larga medida, tributária da primeira. Uma relação que também, a nosso ver, é de suma importância para as investigações no campo das ciências humanas. Entretanto, a fundamentação fenomenológica de um trabalho pressupõe necessariamente a consonância ontoepistemológica com o método fenomenológico em suas bases filosóficas. O que impõe ao pesquisador remeter-se às noções de fenômeno, consciência intencional, *epoché* (suspensão redutiva), *noesis*, *noema*, Ser-no-mundo, dentre outras, que tematizadas, de maneira explícita, e, por vezes, implicitamente no trabalho, evidenciem um visar investigativo autenticamente fenomenológico.

Ao adotar o método fenomenológico<sup>1</sup>, assume-se o perspectivar de Merleau-Ponty (2011) ao afirmar que não se pode compreender o homem senão a partir de sua facticidade, o que para Heidegger (2015) remete-se à condição da presença, *ser-aí*, *dasein*. Também e principalmente assentado no fundador do movimento fenomenológico, Edmund Husserl (2006). O objeto é perscrutado tendo como fundamento o princípio da suspensão redutiva, *epoché*<sup>2</sup> que exige o contato direto com o fenômeno investigado, tal qual se mostra, tão somente como se mostra, atitude que implica ausência de pressupostos teóricos e preconceitos na análise, tendo como referência o significado das vivências<sup>3</sup>, um retorno às coisas mesmas (HUSSERL, 2006). Note-se que nos referimos à análise intencional<sup>4</sup>, isto

1 Criado pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859 – 1938). O método fenomenológico investiga as experiências vividas; foi assimilado pelas ciências sociais amplamente utilizado nas pesquisas de natureza qualitativa.

2 *Epoché*/ colocação do mundo entre parênteses: trata-se de um dos principais fundamentos da investigação fenomenológica; o pesquisador deve suspender preconceitos, teorias e contactar com a experiência tal e qual é vivenciada, indo às coisas mesmas, lema da fenomenologia de Husserl.

3 É o significado do percebido, é o sentido da vivência, relativo ao modo de compreender e interpretar o mundo.

4 Análise Intencional é a tematização do objeto pela consciência, é o ato de deslindar, descrever, compreender e

é, ao fluxo noético-noemático<sup>5</sup> da consciência<sup>6</sup>, não se pretende analisar nem explicar. O movimento cognitivo, fenomenologicamente orientado, trata-se de descrever, compreender e interpretar; prima pela busca das essências<sup>7</sup>, situadas na existência, cujos esclarecimentos de Merleau-Ponty (2011) são deveras elucidativos. Declara o filósofo:

[...] A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência. (Merleau-Ponty, 2011, prefácio)

É com absoluta deferência a Husserl que Merleau-Ponty, apropriando-se de seu pensamento, ressignifica noções, amplia horizontes reflexivos, contribuindo no desenvolvimento e difusão do método fenomenológico, propiciando um profícuo diálogo com diversos campos do saber, particularmente, com as ciências humanas nas pesquisas de caráter qualitativo.

De acordo com Merleau-Ponty, o mundo não é o que se pensa e sim o que se vive, sendo possível pronunciá-lo, com ele comunicar-se, entretanto, em virtude de sua inesgotabilidade, jamais constituiu-lo ou dele apossar-se. Para Merleau-Ponty, voltar às coisas mesmas, consiste em retornar ao mundo da vida, que nas palavras de Von Zuben (1984), requer contactar com o berço do sentido. Ao explicar o projeto inovador do filósofo francês, expressa-se:

[...] Ele elabora uma renovação da fenomenologia que deixa de ser uma pretensão da ciência estrita para se tornar uma orientação ao irrefletido. Ao mesmo tempo, ele reassume, ao seu modo, a redução fenomenológica, que em vez de nos conduzir a um ego puro deve levar-nos a um sujeito encarnado, situado no mundo que antecede a reflexão. Merleau-Ponty retorna ao *Lebenswelt*, ao mundo da vida [...] (Von Zuben, 1984, p. 58).

Julgamos o termo inclusão e seus derivados, por vezes, insuficientes para designar modelos supostamente exitosos de inserção social da pessoa com deficiência visual. Não raro, tais expressões cedem ao apelo do modismo ou afetabilidade ingênua, desprovidas da correlação contextual, velando ou negligenciando as contradições de um modelo societal marcado pela lógica da exclusão e da indiferença ao diferente. Ao considerarmos a facticidade como fundamento compreensivo do ser do homem no mundo, a categoria conceitual inclusão não expressa significado que se remeta ao lançar projetivo do indivíduo, revelando de modo mais imediato a ação de um agente que inclui alguém em um determinado espaço social ou arranjos criados, cujo objetivo, ao menos no plano do

---

interpretar o fenômeno.

5 Noético/noésis – atividade da consciência. Noemático/Noema – correlato da noésis.

6 Para a fenomenologia, a consciência é intencionalidade; só existe como consciência de alguma coisa. Portanto, a consciência não é um recipiente que contém algo; segundo Husserl, só existe objeto para uma consciência e consciência para um objeto.

7 Atingir a essência dos fenômenos é o objetivo da fenomenologia, trata-se de identificar o que mais significativo caracteriza o objeto em estudo.

discurso, é acolher a diversidade. O que não quer dizer que a palavra seja inapropriada, até porque a empregamos neste trabalho. As demandas do nosso tempo voltadas para seres humanos reais, cujas necessidades concretas tendem a ser percebidas de modo abstrato, exigem um compreender do sentido do ato de incluir a partir do discernimento dos valores capitalistas que levam bilhões de pessoas à indigência, dentre as quais aquelas com algum tipo de deficiência. Um ato compreensivo que não pode prescindir do comprometimento do indivíduo notadamente aos fundamentos éticos e ontológicos para uma efetiva vivência inclusiva, conforme pontua Galeffi (2017):

Ora, a inclusão é necessariamente um ato afetivo de profunda responsabilidade pelo ser de cada um em seu “encobrimento” ontológico. A inclusão precisa estar incluída nas relações interpessoais afetivas e não se pode realmente incluir quando se cumpre apenas a Lei. Passa a ser uma “falsa” inclusão quando a inclusão se torna mero depósito de corpos diferenciados e fora da norma. Cuidar do outro é dar-se ao desabrochar do seu ser consciente/inconsciente de si em comum-responsabilidade. Pois quem aprende se torna responsável pelo poder do que aprendeu. Aprender, assim, é empoderar-se no cuidar radical de si mesmo em seu mundo. (GALEFFI, 2017, p. 82)

O perspectivar reflexivo assumido neste texto identifica-se com o entendimento da cegueira/deficiência visual como uma condição existencial, isto é, o cego como presença autêntica no mundo, que questiona o seu modo de Ser, o contexto em que vive, projetando-se conscientemente ao assumir suas escolhas a partir de uma situacionalidade na qual se encontra inserido. O Ser-aí cego está aberto para o turbilhão do mundo ao qual se comunica e interage em um constante fluxo definindo-se tão somente pela sua existência, Ser-no-mundo-com. Presença que no dizer de Heidegger (2015) significa:

A “essência” da presença está em sua existência. As características que se podem extrair deste ente são, portanto, “prioridades” simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela “configuração”. As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso. Toda modalidade de ser deste ente é primordialmente ser. Por isso, o termo “presença”, reservado para designá-lo, não exprime a sua quididade como mesa, casa, árvore, mas sim o ser. (HEIDEGGER, 2015, p. 85-86)

Nesta direção, Santos (2018) compreende o modo de Ser e estar no mundo sem dispor da visão, Ser-aí-cego, a partir da facticidade existencial na qual mulheres e homens que vivenciam esta condição lançam-se projetivamente, conduzindo suas trajetórias como sujeitos livres, resolutos, artífices de suas histórias, experienciando de modo autêntico a existência sem ver, sem vislumbrar categorias conceituais que predeterminam o modo de ser da presença. O sentido da presença implica dialogicidade, interações, relacionar-se, Ser-no-mundo-com; acolher a diversidade na vivência efetiva com a alteridade que, no encontro educador/educando, pressupõe um discernir criativo, um abrir-se para a plethora de possibilidades no sentido instituinte de uma lógica e um agir reestruturador do padrão

cognitivo hegemônico, negador da diferença.

Fundamentado na facticidade existencial, na compreensão da pessoa com deficiência visual como presença autêntica no mundo, imbuído da condição de sujeito do próprio discurso, conforme recomenda Rezende (1990), direcionamos o visar intencional para o fenômeno-objeto, fitando os significados promanados das experiências vividas pelos sujeitos, expressas através dos seus dizeres; perspectiva de rigor descrita por Martins e Bicudo (1989):

A pesquisa fenomenológica está dirigida para os significados, ou seja, para expressão que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe. Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com fatos, mas com o que os eventos significam para os sujeitos da pesquisa (Martins e Bicudo, 1989, p. 93).

O lugar perspectival do pesquisador na situacionalidade de também se constituir presença no mundo sem dispor da visão favoreceu a interação com os alunos com deficiência visual, o que possibilitou abertura, proporcionando uma aproximação exitosa com os demais agentes das instituições: professores, alunos e alunas videntes<sup>8</sup>, funcionários e gestores, inserção que conforme Rezende (1990) é fundamental na pesquisa fenomenológica. Escreve:

Neste sentido, uma verdadeira descrição, supondo a consciência perceptiva, só pode ser feita por alguém que seja sujeito de seu próprio discurso e entre em contato com um mundo complexo tanto em sua constituição como em sua história (Rezende, 1990, p. 8).

Colaboraram com esse estudo 8 sujeitos: dois professores, um de cada espaço; três alunos cegos e uma aluna vidente do espaço fitness 1; um aluno cego e o proprietário do espaço fitness 2. Os professores exercem a função de coordenador nos respectivos espaços. Nenhum possui qualquer formação em educação especial. Todos os alunos com deficiência visual possuem cegueira total. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, no período compreendido entre outubro de 2019 a fevereiro de 2020. O olhar reflexivo direcionado aos dizeres privilegiou os elementos essenciais para uma compreensão intersubjetiva. As experiências são visadas tendo como horizonte a singularidade do vivido, experiência que, conforme Bicudo (1994, p. 21), deve ser compreendida diferentemente do sentido pragmático conferido pela visão empirista. A noção de experiência defendida por esta autora corresponde ao vivenciado pelos sujeitos, tematizada pelo pesquisador de maneira crítica e criativa. Os diálogos foram previamente agendados, gravados e transcritos com anuência dos colaboradores, ficando pactuado o sigilo da identidade. Os participantes serão indicados através das expressões: professor, aluno cego, aluna vidente e proprietário, seguidas dos termos espaço fitness 1 ou espaço fitness 2.

---

8 Expressão comumente utilizada entre pessoas cegas ao se referirem às pessoas que enxergam.

## **SÍNTESE DESCRITIVA DOS ESPAÇOS FITNESS: LÓCUS SITUACIONAL**

Ambos os espaços fitness situam-se no centro da cidade de Salvador, cerca de 1 km de distância um do outro, em uma área caracterizada por intensa atividade comercial e um elevado fluxo de pessoas circulando cotidianamente.

O prédio em que funciona o espaço fitness 1 ocupa uma área de 1.000 m<sup>2</sup> subdividido em três pavimentos interligados por escadas. O espaço 2 é menor que o 1, funciona no subsolo de um edifício residencial, em um local adequado à atividade desenvolvida.

As modalidades de aulas ministradas nos dois espaços são: atividade aeróbica em aparelhos esteira, bicicleta e elíptico, musculação e artes marciais. Os alunos com deficiência visual praticam apenas exercícios aeróbicos e musculação.

## **O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA: DIALOGICIDADE DO ENCONTRO PEDAGÓGICO**

Não obstante os avanços no debate concernente à inclusão e acessibilidade da pessoa com deficiência, que propugna pela participação desses sujeitos em ambientes profissionais, educativos, culturais, dentre outros, o obstáculo do preconceito é uma vivência recorrente. Dentre os tipos de deficiência, a visual é uma das que mais permeia o imaginário social, de modo a reproduzir concepções e práticas discriminatórias, decorrentes sobretudo da falta de informação. Atitudes excludentes para com as pessoas cegas e com baixa visão ainda são bastante comuns; em espaços de ensino, por exemplo, uma parcela significativa de professores e gestores ainda não possuem formação pedagógica, nem consciência crítica sobre esta realidade, a despeito da crescente visibilidade do assunto nas últimas décadas. Indiscutivelmente, a deficiência visual impacta no desenvolvimento psicossocial da criança e do adulto, influenciando o processo educativo; entretanto, o atual estágio da produção de conhecimento no campo da Educação Especial e as experiências pedagógicas em curso, evidenciam o desenvolvimento satisfatório desses indivíduos, sendo apenas necessárias as condições adequadas às suas especificidades.

A ampliação do horizonte reflexivo diante do outro diferente, independentemente de qual seja o lugar situacional ou distinção biofísico e sensorial, mostra-se como veio primordial sedimentador de uma atitude ético-política, fundamentalmente acolhedora da presença; atitude projetante, comprometimento coletivo, vislumbrando as transformações estruturais para que se possa conceber uma educação atenta à diversidade, sem perder de vista a singularidade do educando. Observa-se em grande parte de professores dos diversos níveis e modalidades de ensino, o discurso recorrente do despreparo como principal dificuldade para o trabalho pedagógico com alunos com deficiência visual, o que de fato condiz com a realidade. Se por um lado é notória a fragilidade da formação inicial dos pedagogos e licenciados, no que concerne às questões relacionadas às necessidades educacionais especiais, por outro, deve-se considerar o direito inalienável de todas as

pessoas a uma educação de qualidade, o que também perpassa pelo compromisso do professor, isto é, da ação educativa em sala de aula com abertura aprendente pautada na perene dialogicidade, intervenção didática criativa e sensibilidade para a escuta atenta do aluno.

Conforme já mencionado, um dos principais avanços no debate acerca de uma sociedade inclusiva é proporcionar empoderamento às pessoas com deficiência, motivando-as a lançarem-se em busca de se exercerem como presença autêntica nos diversos segmentos da sociedade, que incluem os espaços fitness, enfrentando os obstáculos, promovendo mudança de concepção concernentes ao modo de se relacionar com o outro diferente. Diante da iniciativa dos alunos em solicitar matrícula, demonstrando interesse na prática regular de atividade física, evidenciou-se nos relatos dos professores, no primeiro contato, uma percepção de estranhamento, pois conforme declararam, estavam se defrontando com uma situação desconhecida. Os olhares pré-concebidos sobre a experiência de ser e estar no mundo sem o sentido da visão mostrou-se como primeiro desafio, ensejando medos e receios, presumindo-se futuras dificuldades no desenvolvimento das atividades pedagógicas e, principalmente, na execução de exercícios em aparelhos. Preconceitos desconstruídos pela atitude resoluta dos alunos ao promoverem uma ambiência favorável ao diálogo, com esclarecimentos sobre questões relacionadas à deficiência visual. Postura que resultou em importante conquista, na medida em que proporcionou abertura para a aprendizagem e acolhimento, não só de professores, como também proprietários, funcionários e alunos videntes de ambos espaços. Declarou o Coordenador do espaço fitness 1, que o trabalho com deficientes visuais iniciou quando uma pessoa cega procurou a academia e solicitou matrícula. Sobre esse processo discorreu:

O trabalho iniciou quando uma pessoa com deficiência visual nos procurou e nós acatamos. Foi muito bom, muito interessante, **foi difícil um pouco os professores entenderem essa diversidade, perceberam também e se questionavam: será que vai dar certo? Será que vai atrapalhar? Ou não vai atrapalhar? E foi muito importante, interessante, que depois os alunos com deficiência visual não deram muito trabalho, embora a gente saiba que a academia não está estruturada para eles. Hoje em dia, os demais alunos gostam, falam, comentam. Tem gente que olha e não acredita, pergunta se eles são mesmo deficientes.** Eu acho isso muito importante porque o novo é sempre diferente. Todos os professores estão muito satisfeitos, até hoje nunca tivemos problemas (Professor - espaço fitness 1) (Grifo meu).

Observa-se convergência nos relatos dos professores de ambos espaços fitness, avaliando positivamente a iniciativa de pessoas com deficiência visual ao solicitarem vínculo nas academias. Os profissionais revelaram o aprendizado que obtiveram nos primeiros contatos com os alunos cegos, ressaltando o entusiasmo e a determinação que os mesmos expressavam:

A experiência que eu tenho está sendo prazerosa porque **a gente acaba reconhecendo o empenho que as pessoas têm, mesmo com essa deficiência**, porque tem muito que coloca a deficiência acima de tudo e não vivem uma vida plena e perfeita colocando a deficiência acima de tudo. Quando a gente vê uma pessoa que procura cuidar da saúde mesmo com a limitação que existe na vida dela, eu consigo valorizar cada vez mais isso. (Professor - espaço fitness 2) (Grifo meu).

Os trechos das falas acima, sinalizados por grifo nosso, demonstram como ainda a compreensão do modo de ser e estar no mundo sem dispor da visão é significada a partir de categorizações que entificam, predeterminam mulheres e homens cegos, concentrando o olhar na dimensão patológica da cegueira, esquecendo do Ser em sua plenitude de possibilidade de poder ser; de se constituir como presença autêntica no mundo, livre no caminhar tessitural do próprio destino.

Nas duas academias, o lançar-se resoluto dos alunos cegos, com coragem e ativez, foi fundamental, influenciando as comunidades tanto do espaço fitness 1, como do espaço fitness 2, notadamente os professores que desenvolveram uma consciência perceptiva-crítica por meio do interagir dialogante. Os educadores envolveram-se numa atmosfera animadora, comprometendo-se a realizar estudos sobre a temática da inclusão e acessibilidade, em especial no campo da orientação e mobilidade<sup>9</sup>, com vistas a uma melhor atuação profissional, o que propiciou uma criatividade apropriadora no fazer educativo, considerando as especificidades dos alunos. A interação pedagógica que a princípio foi percebida pelos professores de maneira apreensiva, prevendo-se dificuldades, no transcorrer da vivência, mostrou-se como experiência rica em aprendizagem.

O contato diário dos alunos com o ambiente das academias proporcionou desenvoltura na locomoção, muitos até adquirindo familiaridade com os aparelhos, desenvolvendo habilidades para regulá-los e inserir a carga de peso adequada para execução dos exercícios. A relação com os alunos videntes passou a ocorrer de modo natural. Quando os professores encontram-se distantes, em função de alguma atividade, sempre um colega vidente apresenta-se disponível para colaborar.

Ao salientar o papel preponderante do professor na efetivação da inclusão de educandos com deficiência visual, devido a sua condição de mediador do processo ensino-aprendizagem, pretende-se alertar que a formação específica pouco ou nada representa se a intervenção pedagógica não tiver como foco o aluno, pois a deficiência constitui tão somente um aspecto relativo à diversidade. O bom senso, comprometimento, disposição para aprender e atenção aos educandos foram posturas assumidas pelos professores. No início da experiência, as atividades eram conduzidas sem um caráter sistemático, ou seja, sem um projeto norteador, tendo no diálogo o principal fundamento no sentido de aduzir uma didática inclusiva, que, pouco a pouco, adquiriu contornos de uma ação pedagógica

---

9 Orientação e Mobilidade: Campo de estudo sobre técnicas para orientação de pessoas cegas e com baixa visão locomoverem-se e explorarem com autonomia ambientes internos e externos.

tematizada, mostrando-se exitosa na efetividade na relação com o aluno.

Os professores afirmaram não terem vivenciado experiências educativas anteriores com pessoas cegas ou com baixa visão e nem acesso à temática durante a formação inicial ou em cursos de formação continuada. Entretanto, fizeram do espaço de trabalho um ambiente de aprendizagem e descobertas.

A minha reação foi de espanto, mas foi uma reação diferente porque a gente não tinha esse contato com pessoas assim. Aí a gente teve que buscar conhecimento, buscar formas de atender essas pessoas. De certa forma é um choque porque era um lugar que não tinha contato com essas pessoas, mas foi bem interessante, porque trouxe para mim enquanto pessoa, uma aceitação porque não tinha esse contato. (Professor - espaço fitness 1)

O aprendizado foi todo aqui, na prática. Foi tranquilo porque eu procuro ter o mesmo tratamento para todas as pessoas, independente se ela tem ou não deficiência, na verdade a grande preocupação é dar a melhor orientação para o aluno. Eu procuro investigar, é claro, as limitações, independente se a pessoa tem uma boa visão ou não. (Professor - espaço fitness 2)

A compreensão perspectival dos alunos sinaliza para uma avaliação favorável sobre os esforços dos professores, na busca de conhecimentos sobre a realidade educacional da pessoa cega e no desenvolvimento de estratégias para o sucesso de um trabalho que ainda não possuíam experiência. A postura dialogante foi destacada como fundamento pedagógico norteador da vivência.

O que eu tenho a dizer é que é um trabalho produtivo, claro e muito interessante no que diz respeito a aprender juntos. Todos os professores para passar os seus ensinamentos para a gente, eles aprenderam um pouco conosco, então só através de vivência eles foram adquirindo essa maturidade e experiência de trabalhar com deficientes visuais. (Aluno cego – espaço fitness 2).

Note-se bem que, ao enfatizar a atitude resoluta de educadores no fazer pedagógico com alunos com deficiência visual, ainda que sem experiência formativa na área da educação especial, não se pretende assumir uma atitude que desconsidera a importância do processo formativo; ao contrário, inclusive este é um dos assuntos mais recorrentes nas pesquisas sobre inclusão escolar, devendo o professor estar atento à produção científica na área em uma perspectiva apropriadora, orientando o seu fazer pedagógico na relação teoria-prática, em um constante ressignificar do ato educativo, tendo como centro o Ser do educando.

A intervenção dos professores que, no início, ocorria sem uma perspectiva de planejamento, através do diálogo com os alunos cegos, adquiriu um caráter de sistematização. Quanto à orientação nos exercícios de musculação, executados em aparelhos, dedicam-lhes atenção especial. Nos equipamentos com dispositivo eletrônico, cujos painéis não viabilizam a acessibilidade, a exemplo de esteira, bicicleta ergométrica e elíptico, os professores do espaço fitness 1 fazem pequenas adaptações, tendo em

vista facilitar o uso com autonomia; são afixados nos botões de aceleração, diminuição e interrupção do movimento, adesivos de diferentes relevos e texturas que possibilitam a identificação dessas funções pelo tato.

O trabalho com a gente deficiente visual foi melhorando no decorrer do tempo. Percebia que os professores se interessavam, cada vez mais, em estudar maneiras de melhor nos atender, buscando formas de adaptar os aparelhos para que a gente conseguisse se exercitar com a melhor orientação possível (Aluno cego – espaço fitness 1).

Embora, tanto o espaço fitness 1, como o espaço fitness 2 não favoreçam uma acessibilidade satisfatória, nota-se que os alunos se locomovem com facilidade. Sempre que a disposição dos aparelhos é modificada, os professores os orientam de maneira a proporcionar independência na locomoção.

A motivação para atividade física de alguns alunos cegos, além da estética, está associada à prática desportiva. Um aluno do espaço fitness 1 é titular da Seleção Brasileira de Futebol de Cinco<sup>10</sup>, campeã dos Jogos Paralímpicos de 2016. O entusiasmo observado por professores e funcionários evidencia os bons resultados da vivência em ambos os espaços. Uma aluna vidente do espaço fitness 2 expressou que antes deste convívio não concebia a possibilidade da prática de esportes por pessoas cegas ou com baixa visão e que, após esse contato, passou a compreendê-las de outra maneira.

Eu percebo que os deficientes visuais prestam muita atenção no que é dito e muitos servem até de exemplo. Muitos dos que eu conheço seguem as orientações, treinam de maneira séria. Eles conseguem colocar em prática os exercícios e a gente vê o resultado no corpo deles (Aluna vidente - espaço fitness 1).

Após 18 meses de vínculo do primeiro aluno do espaço fitness 1, a experiência repercutiu, despertando interesse em outras pessoas com deficiência visual. Firmou-se um convênio entre o espaço fitness 1 e duas instituições: O Grupo de Voluntários Copistas e Ledores para Cegos (GVCLC)<sup>11</sup> e a Associação Baiana de Cegos (ABC)<sup>12</sup>. A celebração dos convênios possibilitou o ingresso de outros alunos cegos, alcançando o total de quinze.

A interação entre os alunos cegos, alunos videntes, professores e funcionários, não está circunscrita ao instante das aulas; também ocorre em momentos de socialização, a exemplo de festas juninas, almoços comemorativos, dentre outros conagraçamentos, o que contribui para desconstruir estereótipos, dirimir dúvidas e combater preconceitos que permeiam o imaginário social sobre a cegueira e a baixa visão.

Então essa relação dos professores com os alunos deficientes visuais e demais alunos é uma relação de amizade, não só lá dentro, mas também fora

<sup>10</sup> Futebol de salão entre equipes compostas por atletas cegos.

<sup>11</sup> Sociedade civil, sem fins lucrativos, que presta apoio educacional a pessoas cegas (leitura, gravação e digitalização de livros e impressão Braille).

<sup>12</sup> Instituição representativa de pessoas cegas e com baixa visão no Estado da Bahia.

do ambiente da academia, quando a gente passa e os reconhece, a gente passa a cumprimentá-los e encará-los de uma nova forma. (Aluna vidente- espaço fitness 1)

As experiências vivenciadas nos espaços fitness 1 e 2 constituem exemplos bem-sucedidos, exitosos, protagonizados principalmente pelas próprias pessoas com deficiência visual, que buscaram inserção, e pelos agentes das academias (professores, recepcionistas, proprietários e alunos videntes), porém, as atitudes acolhedoras coexistem com posturas que demonstram pouca importância com a diversidade e respeito às diferenças.

Com certeza. Inclusive eu vivencio isso aqui quando meu aluno chega aqui, algumas pessoas me chamam a atenção pelo fato de estar ficando mais tempo com ele, colocando peso, fazendo algumas coisas, mas a maioria compreende a limitação que a pessoa tem e ficam tranquilas, algumas até elogiam, enquanto outros eu vejo entortando a boca, o nariz, olhando para cima etc. (Professor - espaço fitness 2)

Situações desse jaez foram relatadas por outros colaboradores deste trabalho. Embora preponderem atitudes acolhedoras nos espaços fitness 1 e 2, os alunos, por vezes, lidam com o desafio de se depararem com posturas que denotam repulsa à diferença, por parte de colegas videntes. Os relatos, nesta direção, revelaram experiências em outras academias, que demonstram condutas explicitamente excludentes. Um dos alunos declarou que ao solicitar matrícula em um determinado espaço fitness, também localizado no centro de Salvador, foi impedido pelo proprietário de efetuar o vínculo, sobre a justificativa que a academia não estava preparada para recebê-lo. A fala do proprietário do espaço fitness 2 é deveras ilustrativa para caracterizar atitudes como essa:

A gente tem observado que, infelizmente, a sua grande maioria das academias, eles não têm esse entendimento da necessidade da inclusão do portador de deficiência visual. Inclusive isso foi tema de um estudo nosso, eu faço parte de um grupo de gestores de academia e foi um ponto que foi levantado nessa reunião, nós fazemos reunião semestral para tratar de assuntos voltados à administração das academias, e um dos participantes, proprietário de duas academias de Salvador, ele nos perguntou como era que nós tratávamos o deficiente visual no nosso espaço, porque ele tinha recebido a visita de um deficiente visual pra fazer o trabalho de educação física lá e ele não soube como receber esse deficiente, inclusive o deficiente consegue desenvolver as atividades físicas praticamente sozinho e disse isso a ele, que não precisava de uma assistência maior, porque ele conseguia desenvolver as atividades normais, bastava que direcionasse ele no equipamento. Infelizmente, para você ter ideia do problema que a gente tem, ele não se sentiu seguro de acolher esse portador no espaço dele, ele não se sentiu seguro porque achou que o portador não teria condições de desenvolver os treinos independente. (Proprietário - espaço fitness 2)

Convictos dos desafios de constituírem-se presenças no mundo sem ver, em um modelo societal visuocêntrico, mulheres e homens cegos ao se projetarem são sabedores das barreiras que irão enfrentar. Côscios desta realidade, não fundamentam o modo de Ser

no mundo sem dispor da visão em discursos supostamente defensores de uma sociedade inclusiva, acessível para todos; porquanto, distanciam-se de perspectivas ingênuas. Os indivíduos cegos compreendem que nem sempre os discursos acadêmicos e legislativos são assumidos na prática, inclusive por aqueles que os asseveram. Experimentam o cotidiano existencial sem dispor da visão compreendendo de maneira crítica que o mundo não é o que se pensa e sim o que se vive.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do fluxo noético-noemático, a partir do visar intencional reflexivo para o objeto, fenômeno estudado, pode-se apreender a apoditicidade de uma relação pedagógica profícua entre professores de educação física e alunos com deficiência visual em espaço fitness, embora os educadores não possuam a necessária formação específica inicial e continuada para interagir com esses educandos, o que não se constituiu obstáculo para o enfrentamento da situação nova que lhes fora apresentada; mostraram abertura e assumiram uma atitude dialógica. A escuta atenta dos dizeres dos alunos foi o ponto de partida para imersão em um novo campo de conhecimento e interação com outro espectro relacional-educativo.

Ao apontar a exitosa experiência vivida em ambos espaços fitness, notadamente no que diz respeito à relação professor-aluno com deficiência visual, deve-se ressaltar também os desafios no que se refere a atitudes de discriminação e preconceitos, por vezes evidenciadas, conforme mencionamos em nosso percurso reflexivo.

O projetar-se, a inserção consciente das pessoas com deficiência visual, promove mudanças de concepções, alargamento reflexivo e, por conseguinte, efetivos processos de mudança que, gradativamente, vêm sendo observados. O modo de Ser da presença, expresso pela ativa participação das pessoas com deficiência visual, mostra que a experiência vivida, a dialogicidade com o outro diferente, na tessitura do cotidiano, engendra aprendizados que transcendem o mero discurso categorial, predicativo da realidade, conforme se observou na vivência em espaço fitness, objeto do visar intencional aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. de O.; BARBOSA, K. A. M. Experiências Educacionais Inclusivas: refletindo sobre o cotidiano escolar. In: **Experiências Educacionais Inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade**. Org.: ROTH, Berenice Weissheimer. Brasília: SEESP/MEC, 2006, p. 18.

BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M.A.V; ESPOSITO V. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

BRASIL, **Lei nº 9.394**, de 20/12/96, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Carta. Brasília, DF: 1997.

BRASIL. **Constituição** (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1998.

BRASIL. **Lei 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015; 7 jul.

GALEFFI, D. A. **Didática Filosófica Mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar**. Salvador: Quarteto Editora, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2015.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade contemporânea).

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: PUC/SP, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOREIRA, D. A. M. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

REZENDE, A. M. **A concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990 (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SANTOS, Robenilson Nascimento. **Ser-sendo-cego-no-mundo-com: descrição fenomenológica compreensiva-interpretativa sobre percepções e vivências cognitivas do ler, escrever, pesquisar e produzir conhecimento de intelectuais que não dispõem do sentido da visão**. Tese de doutorado na Universidade Federal da Bahia – no doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Salvador/BA, 2018.

SASSAKI, R. K. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997, p. 34 e 39.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos**. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais**. 1994.

ZUBEN, N. A. V. Fenomenologia e Existência: Uma Leitura de Merleau-Ponty. In: **Temas Fundamentais de Fenomenologia**. CHAGAS, Silvío Donizete (org.). São Paulo: Morais, 1984, p. 58.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 65, 67, 68, 69, 141, 142, 145, 146, 192, 193, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 257, 283, 295, 308

Acolhimento 57, 65, 66, 105, 152, 176, 177, 237

Aluno surdo 35, 37, 38, 41, 44, 138, 139, 140, 143, 144, 148, 169, 205, 254, 255, 257, 259

Autoetnografia 242, 243, 244, 250, 251

Avaliação psicológica 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

### B

Brincar 50, 54, 102, 103, 131, 137, 182, 193, 274

### C

Cegueira 63, 64, 67, 69, 143, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Construção da aprendizagem 51, 52, 138

### D

Deficiência visual 26, 50, 51, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 186, 229

Desenvolvimento da leitura 82, 83, 87, 88, 89, 90, 93, 94

Desenvolvimento do autista 96, 97

Dificuldades de aprendizagem 82, 83, 85, 86, 94, 95, 117, 118, 121, 122, 127, 158

### E

Educação 17, 20, 22, 25, 26, 30, 34, 35, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 76, 80, 82, 87, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 168, 170, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 223, 224, 234, 236, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 278, 279, 281, 282, 283, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308

Educação com o sonoro 181

Educação de jovens e adultos 149, 150, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 204, 211, 247, 251, 261, 300, 307

Ensino 14, 19, 20, 23, 24, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 47, 48, 50, 51, 55, 65, 67, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122,

130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 172, 175, 185, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 278, 284, 285, 288, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 304

Ensino colaborativo 33

Ensino de matemática 107, 112

Ensino e aprendizagem 90, 106, 111, 112, 117, 119, 158, 172, 193, 199, 201

Ensino superior 19, 20, 24, 30, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 243, 248, 249, 250, 255, 259

Escrita 22, 33, 35, 52, 55, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 169, 176, 196, 197, 244, 245, 249, 252, 286, 294

Evasão escolar 142, 144, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

## **G**

Gênero 1, 2, 7, 9, 10, 11, 15, 18, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 308

## **I**

Inclusão universitária 19, 20, 21, 22, 29

Intérpretes de libras 253

## **J**

Jogos didáticos 50, 51

Jogos pedagógicos 192, 193, 194, 195, 196, 201

## **L**

Libras 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 53, 76, 139, 143, 146, 161, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 205, 211, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 294, 295, 296

## **M**

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 34, 63, 67, 70, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 285, 308

Mulheres quilombolas 1, 2, 3, 7, 10, 12, 15, 16, 308

## **O**

Oficinas 25, 219, 220, 295

## **P**

Pais surdos 161, 164, 165, 166, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 180

Papéis sociais 234, 235, 237, 238, 239, 268

Papel do afeto 96

Paralisia cerebral diparética 192, 194, 196, 197, 201, 202

Pesca 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 308

Pessoas com deficiência 19, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 57, 58, 59, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 110, 111, 116, 130, 132, 135, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 214, 216, 217, 218, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 294

Processo de alfabetização 47, 84, 88, 89, 113, 192, 193, 194, 196, 201

## **S**

Sociedade e Direito 234

Soroban 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

## **T**

Tecnologia 29, 35, 55, 88, 139, 141, 145, 146, 161, 279, 282, 284, 289, 308

Transtorno de déficit de atenção 23, 86, 117, 121, 127

## **V**

Violência na escola 260, 261, 262, 265, 266, 268, 271, 272

Vivências 60, 61, 72, 99, 100, 105, 153, 193, 204, 242, 273, 275, 277

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)